

Verter António Lobo Antunes para o Alemão: uma visita à oficina da tradutora*

MARALDE MEYER-MINNEMANN**

PALAVRAS-CHAVE: António Lobo Antunes, Tradução Português / Alemão.

KEYWORDS: António Lobo Antunes, Translation Portuguese / German.

Introdução

A minha relação com a Língua Portuguesa assenta em raízes muito anteriores ao meu nascimento. O meu avô paterno, oriundo de Hamburgo, emigrou para o Brasil no fim do século XIX, onde conheceu minha avó, que aí nascera no seio de uma família de emigrantes portugueses vindos dos Açores. Por volta de 1910, os meus avós regressaram a Hamburgo, onde nasceu o meu pai.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a família, que contava entretanto com onze membros, pôs-se a caminho de Portugal, com a intenção de regressar

*O presente texto resulta de uma conferência que proferi em Língua Portuguesa no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, a 7 de Abril de 2011, a convite da Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira. As notas da conferência, em grande parte originalmente escritas em Língua Alemã, foram por mim completadas na elaboração do presente artigo. Agradeço, de todo o meu coração, à minha amiga Regina Correia o generoso empenho com que traduziu este texto para a Língua Portuguesa, dando-me a oportunidade de rever a versão final.

**Formada em Romanística pela Universidade de Hamburgo, onde também obteve o grau de Mestre (*Magister Artium*). Exerce a profissão de tradutora e de intérprete principalmente do Português. Tem-se dedicado, desde os anos 80 do século XX, à tradução de obras literárias, principalmente de António Lobo Antunes e de Paulo Coelho. Ver-teu igualmente para o Alemão obras de vários autores portugueses, nomeadamente Inês Pedrosa, José Cardoso Pires, Ilse Losa, Lúcia Jorge, entre outros.

ao Brasil. Acabou contudo por se fixar na cidade do Porto, mais precisamente na Foz do Douro.

A fim de concluir o exame final do ensino secundário (*Abitur*), o meu pai foi viver com um tio que residia em Hamburgo, onde concluiu o doutoramento e foi Professor de Língua e Literatura Portuguesa e ainda onde acabou também por casar.

Ouçó falar Português desde que nasci. Talvez mesmo desde quando estava ainda no ventre de minha mãe. Seja como for, a sonoridade da Língua portuguesa já me era familiar, antes até de entender uma única palavra. Os meus pais utilizavam o português, quando queriam que apenas nós, os filhos, percebêssemos de que falavam.

Quando vim a Portugal pela primeira vez não tinha ainda sete anos de idade. Foi uma viagem a um mundo diferente, com novos odores, cores e ruídos, onde se comunicava numa Língua cuja sonoridade eu conhecia bem, mas que ainda não compreendia. Aprendi o português com a mesma facilidade com que qualquer criança aprende Línguas. Ouvia os sons, ligava-os a objectos e tentava perceber o sentido. Naturalmente, nem sempre acertava. Fazia, por exemplo, uma ideia completamente errada do significado do pregão das varinas que ouvia pela manhã nas ruas do Porto. Elas apregoavam «Agora viva, pescada viva» e, como traziam peixe nas canastas à cabeça, durante muito tempo julguei que «pescada» significava peixe. Na verdade, as palavras significavam amiúde algo bem diferente daquilo que eu tinha em mente. Foi nessa altura que se gerou em mim um saudável sentimento de dúvida, que nunca mais me abandonou: será que o que ouço ou leio significa realmente aquilo que parece?

Durante as férias de Verão, nos anos seguintes, fui descobrindo este mundo novo para mim com todos os meus sentidos: via, ouvia, cheirava, tocava... E, à medida que os anos passavam, este mundo era-me cada vez mais familiar. A Língua Portuguesa tornara-se definitivamente a minha Língua Paterna.

As crianças aprendem brincando, pelo que a minha «fase muda» em Portugal não durou muito tempo. Mais tarde, passei a servir-me do minúsculo dicionário vermelho, de que me socorria para me fazer entender cada vez melhor. Foi, inclusivamente, por ter encontrado nele traduções inacreditáveis que aprendi a desconfiar definitivamente de dicionários!

Durante muito tempo fui, por assim dizer, praticamente analfabeta em Português. Só mais tarde, quando comecei a estudar Filologia Românica (Francês, Italiano, Fonética e naturalmente Português!) em Hamburgo é que comecei a aprender consistentemente a Gramática do Português.

Muitas vezes perguntam-me: Porque é que se tornou tradutora? Pensando bem, não creio que se deva ao acaso o facto de me ter tornado tradutora. Acredito antes ter sido uma espécie de chamamento. Revelando a Wagner a sua índole dividida entre necessidades físicas e espirituais, Fausto (o de Goethe) afirma: «Ah, duas almas habitam meu peito» [Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust]. *Mutatis mutandis*, a minha relação com a Língua Portuguesa e com Portugal poderia resumir-se do seguinte modo: «Duas almas habitam meu peito, graças a Deus». Dado que, na verdade, tenho vivido desde muito pequena em dois mundos, foi natural que me tivesse tornado uma mediadora entre estas duas culturas, utilizando o meu lado alemão, tendencialmente mais analítico, e o meu lado português, tendencialmente mais intuitivo, para verter para a minha Língua Mãe obras escritas na Língua de meu pai. Posso concluir que não fui eu que procurei a profissão de tradutora! Esta é que veio inelutavelmente ao meu encontro.

Verter António Lobo Antunes para o Alemão: uma visita à oficina da tradutora durante a qual serão abordados 15 problemas

A segunda pergunta com que sou muitas vezes confrontada é a seguinte: Como consegue traduzir Lobo Antunes? E com esta pergunta subentende-se que quem a formula considera que tal tarefa é quase impossível.

Tenho plena consciência de que, como tradutora, persigo o impossível, ao tentar reescrever uma obra noutra Língua, sem que, durante o processo de «transporte», de *translatio*, se perca uma palavra, uma *nuance*, um sentido, a estrutura de uma frase e a sua melodia. Ou, como diz expressivamente um colega, «mudar uma planta de um vaso para outro e plantá-la noutra terra».

Verto para o Alemão a obra de António Lobo Antunes desde 1990, encontrando-me actualmente a braços com a tradução do seu vigésimo segundo romance, intitulado *Sôbolos Rios que Vão*. A maior dificuldade com que me tenho deparado na tradução dos romances de Lobo Antunes prende-se, basicamente, com a sinfonia de vozes que entrecruzam simultaneamente, uma tendência que tem vindo a intensificar-se ao longo dos anos no discurso antuniano. As falas das personagens e do narrador são cada vez mais concisas, mais fragmentadas, verificando-se amiúde, inclusivamente, mudanças no emissor e na perspectiva a meio de uma mesma frase.

Considero que a Língua Portuguesa é, das Línguas que conheço, a que mais resiste à tradução para Alemão. Trata-se, com efeito, de duas Línguas com

sintaxes muito distintas. No que toca, por exemplo, às orações subordinadas, é necessário proceder à desconstrução da frase e voltar a construí-la. Acresce ainda que o Português pode considerar-se a Língua do que é vago, daquilo que paira... Ao passo que o Alemão será a Língua da precisão.

Deixemos todavia de lado a teoria, dado que a minha formação universitária nem sequer é especificamente em Tradução (*Übersetzungswissenschaft*) e permitam-me que, na qualidade de simples tradutora, vos convide para uma visita à minha «oficina».

Começemos com a primeira página de *Sóbolos Rios que Vão*, o livro de Lobo Antunes cuja tradução tenho atualmente em mãos. A maior parte dos problemas que tenho tido, e continuo a ter, com a tradução de obras de António Lobo Antunes depararam-se-me logo nesta primeira página:

Da janela do hospital em Lisboa não eram as pessoas que entravam nem os automóveis entre as árvores nem uma ambulância que via, era o comboio a seguir aos pinheiros, casas, mais pinheiros, casas, mais pinheiros e a serra ao fundo, **com o nevoeiro afastando-a dele (1)**, era o pássaro do seu medo sem galho onde poisar a tremer **(2)** os lábios das asas, o ouriço de um castanheiro dantes à entrada do quintal e hoje no interior de si a que o médico chamava cancro aumentando em silêncio os sinos da igreja começaram o dobre e um cortejo alongou-se na direcção do cemitério com a urna aberta e uma criança dentro, outras crianças vestidas de serafim de guarda ao caixão, gente de que notava apenas o ruído das botas **e portanto não gente (3)**, **solas e solas (4)**, quando a avó **no (5) muro** com ele **desistiu (6)** de persignar-se sentiu o cheiro das compotas na despensa, vasos em cada degrau da escada e como vasos intactos não aconteceu fosse o que fosse, **por um triz (7)**, estendido na maca à saída do exame, não perguntou ao médico

– Não aconteceu fosse o que fosse pois não? **(8)**

e não aconteceu fosse o que fosse dado que os vasos intactos, **a avó que morreu há tantos anos ali viva com ele**, o avô defunto há mais tempo **a ler (2)** o jornal com o seu aparelho de surdo, o silêncio do avô alarmou-o **(9)** fazendo com que o ouriço se lhe dilatasse nas tripas **arranhando, doendo (1)**, coloco-o numa placa de granito, bato com o martelo e **a doença esmagada (3)**, alguém que não distinguia empurrava-lhe a maca corredor adiante, notava a chuva, caras, letreiros, a governanta do senhor vigário no alpendre enquanto pensava

– É o meu esquite que empurram... (Antunes, 2010: 7).

1. Construção com + sujeito + gerúndio

[...] **com** o nevoeiro afastando-a dele, [...] (*ibid.*: 11).

[...] das der Nebel von ihm wegrückte, [...] (Antunes, 2011: 7).

a) Tradução de «com»

Como vemos no exemplo transcrito, «com» nem sempre pode ser traduzido por *mit*. A construção: com + sujeito + gerúndio (variante: com + sujeito + verbo no infinitivo) não tem correspondência em Alemão! Estilisticamente, é complicado utilizar o gerúndio em Alemão, pois não há correspondência (como acontece em Inglês, Francês ou Espanhol). A tradução para o Alemão de «com o nevoeiro **afastando-a**» redundou numa oração subordinada, em que o gerúndio passa para verbo conjugado. O mesmo acontece com a seguinte frase:

[...] fazendo com que o ouriço se lhe dilatasse nas tripas **arranhando, doendo,**
[...] (Antunes, 2010: 11).

[...] bewirkte, dass der Igel sich in seinen Eingeweiden **weitete, piekste,**
schmerzte, [...] (Antunes, 2011: 7).

O problema é que no gerúndio, assim como na construção perifrástica, como veremos abaixo, falta qualquer indicação temporal.

b) Outra variante do uso de «com» (comigo, contigo, etc.)

[...] um roupão velho **que não usavas comigo** [...] (Antunes, 2010: 95).

A tradução literal *den du nicht mit mir trugst* estaria errada, porque não faz sentido! Assim, a solução que encontrei foi a seguinte:

[...] ein alter Morgenmantel, **den du nicht trugst, wenn ich dabei war** [...] (Antunes, 2011: 101).

Para contrabalançar as frases subordinadas criadas na tradução e que tornam o texto alemão mais longo, há numerosas orações relativas que podem

ser transformadas, na versão traduzida, em participio passado, que é usado em Alemão como adjetivo (medida de contrapeso):

[...] a avó **que morreu há tantos** anos ali [...] (Antunes, 2010: 11).

[...] **die** dort vor vielen Jahren **gestorbene Großmutter** (Antunes, 2011: 7).

2. Forma perifrástica do verbo

A forma perifrástica, usada somente em Português, é uma das formas verbais dominantes em Lobo Antunes. O autor usa-a, bem como o gerúndio, para criar o que chama de «tempo africano», um tempo que é, simultaneamente, passado e presente. Leia-se o seguinte trecho:

Como sempre, o sabonete escapou-se me três ou quatro vezes da mão para se achar nos azulejos ou patinar até ao lavatório num rastrozinho de espuma, e eu, a deslizar-lhe, quase de gatas, no encalce, míope de champô, a pontapear as canelas no bidé, a girar os braços em busca do equilíbrio que me fugia, a suspender-me dos toalheiros cromados para evitar o ortopedista, até regressar, tiritando, com o meu besugo cor-de-rosa apertado na palma, de volta ao repuxo da água quente do chuveiro. (*Id.*, 1985: 19).

Wie immer flutschte mir die Seife drei – oder viermal aus der Hand, um sich auf die Fliesen zu stürzen oder mit einer Schaumspur bis zum Waschbecken zu glitschten, und ich, fast auf allen vieren, halbblind vom Shampoo, rutschte ihr nach, versetzte dabei den Schienbeinen des Bidets Fußstritte, kreiste auf der Suche nach dem Gleichgewicht, das sich davonmachte, mit den Armen, hängte mich, um dem Orthopäden zu entgehen, an die verchromten Handtuchhalter, und kehrte schließlich zähneklappernd mit meiner rosaroten Meerbrasse fest in der Hand unter den heißen Wasserstrahl der Dusche zurück. (*Id.*, 1991: 9).

Temos de ter sempre em linha de conta que, em muitas passagens da narrativa antuniana, o último verbo conjugado se encontra possivelmente na página anterior! Como nos romances as personagens falam sobretudo de coisas passadas, a solução é, na maior parte dos casos, a transposição da forma perifrástica para o imperfeito. É precisamente por esta a razão que a crítica alemã tem reiteradamente chamado a Lobo Antunes «o mestre do imperfeito».

Por vezes também se resolve este problema com a «mudança» para o presente, que na Língua Alemã também é usado como «presente histórico» ou para traduzir a noção do futuro, salvaguardando assim a característica «intemporal».

3. Orações sem verbo

Esta é de facto uma ocorrência cada vez mais frequente no discurso de Lobo Antunes. Na Língua Alemã, em que o verbo tem um papel central, uma oração sem verbo é praticamente incompreensível. O mesmo não acontece no Português. Esta tendência estilística que tem vindo a intensificar-se nas obras de Lobo Antunes torna-se particularmente problemática para quem se abalança a traduzi-las. Na maior parte dos casos, optei por uma solução tendencialmente explicitante e simpática para o leitor, agregando um verbo:

[...] e **portanto não gente** [...] (Antunes, 2010: 11).

[...] und daher **waren** es keine Leute [...] (Antunes, 2011: 7).

[...] este corredor cheira à farmácia da vila **onde contavam que dantes os lobos junto à escola** no inverno [...] (Antunes, 2010: 13).

[...] dieser Korridor, der nach der Apotheke in der kleinen Stadt roch, in der **man sich erzählte, dass es früher im Winter bei der Schule Wölfe gegeben hatte** [...] (Antunes, 2011: 9).

Na frase que se segue, surge uma das muitas situações em que o «e = *und*» tem o significado de «mas = *aber*»:

[...] comboios ao fundo da vinha, **julgava que pessoas e vazios** [...] (Antunes, 2010: 50).

[...] er dachte, **es wären Leute darin, aber sie waren leer** [...] (Antunes, 2011: 52).

[...] a bola – mais à esquerda [diz o pai] [...] e embora convencido **que não ele à esquerda picando-se** [...] (Antunes, 2010: 52).

[...] und obwohl er überzeugt war, dass **er** nicht links **lag, kroch er nach links und piekste sich dabei** [...] (Antunes, 2011: 54).

Atente-se noutro exemplo:

[...] a fazer oitos com a bicicleta e **a entrar na mina de volfrâmio só ecos** [...] (Antunes, 2010: 53).

[...] dabei fuhr er Achten mit dem Fahrrad und **dann** in die Wolframmine hinein, **die** nur aus Echos **bestand** [...] (Antunes, 2011: 54-55).

Leia-se uma outra passagem típica da narrativa antuniana que é difícil de entender:

[...] **o pai um impulso fundo** em que se tornou vários e à medida que se recompunha palavras **onde até então suspiros** [...] (Antunes, 2010: 76).

A tradução ao pé da letra seria:

[...] der Vater ein tiefer Impuls, in dem er zu mehreren wurde und während er sich wieder zusammensetzte/sammelte/sich gefasst/sich wiederhergestellt hatte/Worte wo bisher Seufzer [...]

A melhor solução que acabei por encontrar foi a seguinte:

[...] der Vater **machte einen heftigen Stoß**, zerfiel dabei, und, während er sich wieder zusammensetzte, Worte, **wo es bisher nur Seufzer gegeben hatte** [...] (Antunes, 2011: 79).

4. Repetição enfatizante

Não é possível traduzir, por exemplo, a expressão «solas e solas» (4) por *Sohlen und Sohlen*, nem tão pouco por *Sohlen über Sohlen*, que até tem um sentido duplo («solas por cima de solas»), ou por *Sohlen und noch mehr Sohlen*, que significa «solas e mais solas» e, além disso, tornar-se-ia muito longo. A minha solução de tradução acabou por ficar *Sohlen, Sohlen* (Antunes, 2011: 7).

5. A tradução de «na / no»

a) «no muro» (Antunes, 2010: 11): *an der Mauer* / *auf der Mauer* (Antunes, 2011: 7).

«No» pode significar várias coisas: «dentro de», «junto de», «sobre», «em cima de». Em Alemão, há uma tradução para cada um dos sinónimos: «dentro de» = *in*; «junto de» = *bei* / *neben* / *an*; «sobre» = *über*; «em cima de» = *auf*.

b) «não sentia os espinhos apesar de saber que continuavam consigo emboscados nas vísceras **na tensão de raposas** [...]» (Antunes, 2010: 37).

Esta expressão de estado é impossível de traduzir por *in* (*in der Anspannung von Füchsen*), pois não faz qualquer sentido em Alemão. A minha proposta de tradução foi a seguinte: [...] *auf dem Sprung wie Füchse* [...] (Antunes, 2011: 38). Veja-se outro exemplo que vai no mesmo sentido:

[...] a sumir-se entre os buxos **num** desprezo zangado [...] (Antunes, 2010: 45).

[...] womit sie **voll** ärgerlicher Verachtung zwischen den Buchsbäumen verschwand [...] (Antunes, 2011: 47).

6. Omissão do pronome pessoal junto do verbo

[...] quando a avó no muro com ele **desistiu** de persignar-se **sentiu** o cheiro das compotas na despensa [...] (Antunes, 2010: 11).

Esta frase suscitou-me um conjunto de interrogações. Quem é que desiste de se persignar? O rapaz? A avó? Qual a situação? Estará ele ali primeiro, sozinho, entretanto chega a avó, cheira a compota e ele desiste de se persignar? Ou ele está com a avó em cima do/encostados ao muro, ela desiste de se persignar e ele sente o cheiro de compota? Penso, contudo, que é a avó que desiste de se persignar:

als **die Großmutter** bei ihm an der Mauer aufhörte, sich zu bekreuzigen [...] (Antunes, 2011: 7).

7. Expressões idiomáticas

[...] **por um triz** [...] (Antunes, 2010: 11).

[...] um ein Haar [...] (Antunes, 2011: 7).

[...] **ainda temos algumas cartas para jogar** [...] (Antunes, 2010: 80).

[...] wir haben noch **ein paar Asse im Ärmel** [...] (Antunes, 2011: 84).

É sempre importante apurar se se trata realmente de uma expressão idiomática ou de uma invenção do próprio autor, que possa ser traduzida ao pé da letra.

8. Tradução do discurso direto

Através das falas das personagens em discurso direto deduz-se facilmente a camada social a que pertencem. É por isso muito importante preservar, na tradução, a vivacidade e a autenticidade do texto falado. Muito embora o texto de chegada nem sempre possa ser uma tradução literal do original, nem os mais escabrosos palavrões devem inibir o tradutor de procurar equivalentes! Eis alguns exemplos:

Não aconteceu fosse o que fosse pois não? (*Id.*, 2010: 11).

– Es ist doch gar nichts passiert oder? (*Id.*, 2011: 7).

– [Uma das visitas]: **Não te canses?** (*Id.*, 2010: 93).

– **Streng dich nicht an?** (*Id.*, 2011: 99).

– Quantos são hoje?

– **Trinta?** (*Id.*, 2010: 79).

– Der Wievielte ist heute? [...]

– **Der Dreißigste?** (*Id.*, 2011: 83).

O facto de as datas em Alemão serem expressas com números ordinais pode suscitar problemas de tradução, por exemplo, quando o autor joga, a seguir, com os números cardinais:

[...] e a admirar-se ao contá-los

– Trinta?

conforme se admiraria com quarenta e dois ou oitenta [...] (Antunes, 2010: 79).

[...] und er wundert sich, als er sie zählt
 – Der Dreißigste?
 so wie er sich auch über **die Zahl** zweiundvierzig oder achtzig wundern würde
 [...] (Antunes, 2011: 83).

9. Verbos que não têm correspondência direta

a) «Alarmar»

[...] o silêncio do avô **alarmou-o** [...] (Antunes, 2010: 11).

Existe em Alemão o verbo «alarmieren» que é um «falso amigo» e significa «pôr(-se) em alarme». Lê-se no *Dicionário Houaiss* sobre o significado de «alarmar»:

1. Diacronismo: antigo.

dar o sinal de alarme (grito militar⁴) a; transitivo directo e pronominal;

2. pôr (-se) em alarme, em sobressalto; assustar(-se), alvoroçar(-se);

Ex.: <a notícia alarmou toda a casa> <todos se alarmaram com o barulho>

No primeiro caso, em Alemão, corresponderia a *warnen*. No segundo, «a notícia alarmou toda a casa» equivaleria a *in Aufregung versetzen*, e «todos se alarmaram com o barulho» poderia ser traduzido por a *sich erschrecken*. Sinónimos de «alarmar» são «amedrontar», «intimidar», «preocupar», «assustar», «alvoroçar-se», «atemorizar». Em Alemão, *erschrecken, bedrücken, ängstigen, machte ihm Angst, beunruhigen, verängstigen, einschüchtern*. No caso supracitado, a minha solução foi *schüchterte ihn ein* (Antunes, 2011: 7).

b) Exemplo de verbo intransitivo em Português e transitivo em Alemão

[...] o senhor ministro para mim à chegada a Palmela, na voz com que no tempo do professor Salazar mandava nos sanatórios, nos bilhetes de identidade, nos retornados e nas cadeias, a retirar a minha dama apesar de eu não mover qualquer peça e a anunciar-me num risinho apiedado [...]

[...] perdeste [...]

anoitecido pelas folhas dos ciprestes, **anoitecido** pelas asas das gralhas. (*Id.*, 1996a: 375).

O verbo «anoitecer» é problemático para um tradutor, uma vez que pode ser conjugado, mesmo tratando-se do participípio passado. A Língua Alemã não contempla, tanto quanto sei, a versão «anoitecer» (*Nachtwerden*) através de uma só palavra e conjugada. Já li a forma muito poética *es nachtet* mas, mesmo aqui, *nachten* é também usado na forma impessoal com o pronome neutro *es*. A forma corrente é *es wurde Nacht, es wurde dunkel, es dämmerte*. Imaginemos então a situação: quando anoitece, aparece o crepúsculo, que não é claro nem escuro. O adjetivo «crepuscular» também não tem um significado preciso, pelo que me pareceu que se adequava naquele contexto. Dado que o ministro também não é uma personagem muito clara, a imagem do crepúsculo permaneceu. Decidi-me então pela seguinte solução: *im Zwielicht des Laubs der Zypressen, im Zwielicht der Flügel der Elstern*, por ser mais polissémica, por soar melhor do que *im Schatten des Laubs der Zypressen* ou *verdunkelt vom Laub der Zypressen*. (*Zwielicht*: *zwie* = *zwei*: «duas luzes»; *Zwielichtig*: «obscuro, dúbio»; *Zwielicht*: «meia-luz, penumbra, lusco-fusco»). Tornava-se ainda necessário apurar se «anoitecido» diz respeito a «risinho» ou ao Senhor Ministro. A minha intuição dizia-me que se referia ao Senhor Ministro, e próprio autor veio a confirmá-la. (Cf. Antunes, 1997: 415).

10. O sentido da palavra é diferente daquele que é indicado no dicionário

[...] um pai diferente daquele que conhecia a perguntar-lhe
 – Sabes?
 e a calar-se **arrependido** [...] (Antunes, 2010: 48).

«Arrependido» não significa, neste caso, *zerknirscht, reuig, reumütig*, mas uma mudança de intenção. Assim, traduzi o passo transcrito do seguinte modo:

[...] ein anderer Vater als der, den er kannte, fragte ihn
 – Weißt du?
 und verstummte, **weil er es sich anders überlegt hatte** [...] (Antunes, 2011: 49).

11. Tradução do genitivo

O genitivo não causa problemas nos seguintes casos:

a) «o rabo do gato»

Esta é a solução de tradução mais comum: *der Schwanz der Katze*.

b) «o trinco da porta» / «as grutas de caranguejo das ruas»

Uma grande vantagem da Língua Alemã é possibilidade de se criarem novas palavras mediante a junção de substantivos (e.g., «o trinco da porta»: *der Türdrücker*). Lobo Antunes cria expressões como «as grutas de caranguejo das ruas»:

[...] acima do **coral dos telhados, das grutas de caranguejo das ruas** e dos **paquetes dos mosteiros, do mistério de algas das árvores** e da **profundidade de congro das caves das viúvas** [...] (Antunes, 1992: 32).

Über den **Korallenriffdächern, den Krebsgrottenstraßen, und den Ozeandampferklöstern, dem Geheimnis der Baumalgen und der Murärentiefen der Witwenkeller** [...] (Antunes, 1996: 32).

A Língua Alemã permite a construção da palavra composta *Krebsgrottenstraßen*, que remete precisamente para a imagem sugerida, surpreendendo o leitor e apelando à sua criatividade, tal como no original em Português.

c) O «falso genitivo»

Os «falsos genitivos», como eu chamaria aos exemplos que se seguem, causam alguns problemas na tradução:

[...] desejo que lhe acariciassem o **braço do soro**, lhe pegassem na mão e comboios ao fundo, julgava que pessoas e vazios [...] (Antunes, 2010: 50).

[...] der Arm, in den die Infusion tropfte [...] (Antunes, 2011: 52).

Do mesmo modo, neste passo:

[...] julgou enxotar as formas com o **braço da infusão** [...] (Antunes, 2010: 41-42).

Traduzir «braço da infusão» por *Infusionsarm* seria incompreensível e passível de gerar equívocos! A tradução *mit dem Arm mit der Infusion verscheuchen* foi rejeitada devido à repetição da preposição *mit*. A melhor solução que encontrei neste caso foi: [...] *Arm, in den die Infusion tropfte* [...] (Antunes, 2011: 43).

12. Jogos de palavras

A tradução de jogos de palavras levanta quase sempre, em qualquer Língua, problemas de difícil resolução! Lobo Antunes faz amiúde jogos com a ortografia e, concomitantemente, com os sons das palavras, criando complexas teias e *nuances* de sentido. Por exemplo, a melhor solução que encontrei para traduzir «bochecha, buchecha, boxexa, buxecha, buxexa» (Antunes, 2010: 53) foi *Puste, Pubste* (Antunes, 2011: 56). Do mesmo modo, optei por verter a sequência de lexemas «pneumonia, peneumonie, pneumunia (Antunes, 2010: 70) da seguinte forma: *Lungenentzündung, Lungenendzündung, Lungenentzündunk* (Antunes, 2011: 74).

13. Difícil de entender, difícil de traduzir, mas típico em Lobo Antunes

Atente-se na complexidade dos seguinte trechos:

[...] a mãe mudou para o quarto dele aferrolhada em silêncios e ele mudou para a copa entre a cevada e o grão com o nome nos rótulos **numa letra castanha ainda azul** nos enfeites, o pai sozinho na cama **a tropeçar insónias e os olhos da manhã desencontrados das pálpebras, uma meio da bochecha e o outro na têmpora demorando a acertar, lá se encontravam por fim à entrada do quarto** [...] (Antunes, 2010: 93).

[...] die Mutter zog, in Schweigen verrammelt, in sein Zimmer und er zog in die Speisekammer zwischen Muckefuck und Kichererbsen, deren Namen mit **bläulich verblasster brauner Schrift** auf den Etiketten der Päckchen standen, allein im Bett **stolperte der Vater von Schlaflosigkeit zu Schlaflosigkeit, und am Morgen stimmten die Augen nicht mit den Lidern überein, waren verrutscht, eines halb auf der Wange und das andere an der Schläfe, vor der Schlafzimmertür fanden sie schließlich wieder an ihren Platz zurück** [...] (Antunes, 2011: 99).

[...] os olhos do pai recuperaram a paz, tentava desarrumar os seus e permaneciam simétricos, talvez hoje na enfermaria um deles contra a janela e o segundo no tecto (Antunes, 2010: 94).

[...] und die Augen des Vaters gewannen ihren Frieden zurück, er versuchte die eigenen zu verschieben, aber sie blieben symmetrisch, vielleicht schaute ja heute auf der Station eines zum Fenster und das andere zur Decke (Antunes, 2011: 99).

14. Encontrar equivalentes de imagens noutra cultura: pequenas ajudas e glossários

Sempre que António Lobo Antunes percorre comigo a lista das minhas dúvidas, afirmo muitas vezes: Não estou a ver a imagem! Ao longo dos anos em que tenho vindo a empreender a tradução dos seus romances, torna-se-me cada vez mais fácil ver e compreender as imagens com que me vou deparando. Algumas delas, contudo, não vêm logo ter comigo, permanecem envoltas num manto de mistério. Há imagens que só consigo ver e compreender depois de o autor me contar uma longa história por detrás de cada uma delas, quando o vou visitar com a minha lista das dúvidas. É muito importante que eu seja capaz de «ver» as imagens, pois só assim é que consigo verbalizá-las. Na verdade, com o passar dos anos «vejo» com cada vez mais nitidez as imagens que ressumam dos romances de Lobo Antunes.

a) Às vezes, é preciso juntar uma discreta explicação

[...] E Lisboa, na rua, à espera dele, lojas fechadas, **os vincos de papel de embrulho da névoa**, camionetas a afastarem com a mão dos faróis o silêncio transido da manhã, recortes de pessoas na paragem do autocarro, ter de aguentar até às nove para entrar numa farmácia e comprar aspirinas [...] (Antunes, 1983: 22).

Na Alemanha, o papel de embrulho é geralmente bege ou castanho claro. Em Portugal, o papel de embrulho grosseiro, aqui referido, é cinzento. Optei por especificar a cor do papel no texto alemão, pois, de outra forma, o leitor poderia não «ver» a imagem constante do original:

Und draußen erwartete ihn Lissabon, geschlossene Läden, **packpapiergraue Nebelfalten**, Autobusse, die mit ihren Scheinwerferhänden die kältestarre

Morgenstille wegschoben, an einer Bushaltestelle ausgeschnittene Pappfiguren, das alles bis um neun Uhr aushalten müssen, um in eine Apotheke gehen und Aspirin kaufen zu können [...] (Antunes, 2002: 24).

b) Nomes de marcas

Os nomes de marcas nem sempre têm uma correspondência exata na Língua de chegada, como, por exemplo, Guronsan = Alka Seltzer, Hermesetas = Süßstoff ou Esferovite = Styropor.

c) Nomes de filmes, de canções, de personagens de banda desenhada, etc.

Os nomes de filmes, de canções ou personagens de banda desenhada são muitas vezes completamente diferentes em Alemão, o que, por vezes, cria problemas no âmbito de *nuanças* fónicas e imagéticas de difícil resolução.

d) Glossários e mapas e guias

Para que o leitor alemão pudesse, por exemplo, entender melhor e ler ainda com mais prazer *As Naus* [*Die Rückkehr der Karavellen*] elaborei um glossário de quinze páginas. Diga-se ainda em abono da verdade que a Internet, uma ferramenta que me serve de dicionário e enciclopédia, me tem vindo a facilitar a resolução de muitos problemas de tradução. Trabalho muito também com mapas, como quando tive de traduzir *O Esplendor de Portugal*, no caso vertente de Angola, mas também trabalho muito com guias, quando se trata, por exemplo, de Lisboa.

15. Onomatopeias

As onomatopeias suscitam amiúde problemas que não tem solução. Tenho sempre o cuidado de tentar manter o som e a melodia do texto original que advêm das onomatopeias:

Um fragmento de tijolo quebrou a cristaleira, **tilintando** em cascata como uma gargalhada de água [...] (Antunes, 1992: 277).

Ein Stück Ziegelstein zersplitterte die Gläservitrine in eine Kaskade aus laut lachendem Wasser [...] (Antunes, 1996: 289).

Nesta parte do texto foi possível manter o «i» e o «a», o barulho do vidro a estilhaçar-se, que ressoa como se fossem placas de gelo a embater uma na outra, o som ruidoso e quebradiço da «água a rir às gargalhadas». Devo dizer que demorei a encontrar uma solução que me satisfizesse. De qualquer forma, confesso que estou contente com o resultado, o que nem sempre acontece...

Considerações finais

Não há traduções perfeitas. Traduzir é sempre uma tentativa de apropriação de um texto através de uma outra Língua com um resultado mais ou menos feliz. Traduzir é um trabalho bastante solitário e quase sempre sujeito à pressão das datas de entrega do texto à editora. Diga-se em abono da verdade que, em regra, temos menos tempo para re-escrever um livro inteiro do que aqueles que escrevem dissertações sobre umas poucas páginas por nós traduzidas...

Termino com a minha versão alemã do trecho de *Sóbolos Rios que Vão* com que encetei este artigo (vd. *supra*), tal como foi publicada em *An den Flüssen, die strömen*, no ano de 2010, pela editora Luchterhand Literaturverlag:

Vom Fenster des Krankenhauses in Lissabon aus sah er weder die Leute, die hineingingen, noch die Autos zwischen den Bäumen, noch einen Krankenwagen, er sah den Zug hinter den Kiefern, Häuser, noch mehr Kiefern und im Hintergrund das Gebirge, das der Nebel von ihm wegrückte, er sah den Vogel seiner Angst ohne einen Zweig, auf den er sich mit den zitternden Lippen seiner Flügel niederlassen konnte die igelige Frucht eines Kastanienbaues, der früher am Eingang des Gartens gestanden hatte, jetzt war sie in ihm, der Arzt nannte sie Krebs, und stumm wurde sie immer größer, kaum hatte der Arzt sie Krebs genannt, begannen die Totenglocke der Kirche zu läuten und ein Trauergeleit mit offenem Sarg und einem Kind darin zog sich zum Friedhof hin, weitere Kinder wachten als Serafim verkleidet über den Sarg, Leute, von denen nur das Schurren der Stiefel zu hören war, und daher waren es keine Leute, Sohlen, Sohlen, als die Großmutter, die bei ihm an der Mauer aufhörte, sie sich zu bekreuzigen, spürte er den Duft der Kompotte in der Speisekammer, Gläser auf jeder Treppenstufe und solange die Gläser unversehrt waren, passierte gar nichts, um ein Haar hätte er, als er auf der Krankentrage ausgestreckt nach der Untersuchung herausgeschoben wurde, den Arzt gefragt – Es ist doch gar nichts passiert oder?

und es war gar nichts passiert, denn die Gläser waren unversehrt, die vor vielen Jahren gestorbene Großmutter war hier bei ihm, lebendig, der vor noch längere Zeit verstorbene Großvater las, den Taubheitsapparat im Ohr, die Zeitung, das Schweigen des Großvaters, machte ihm Angst, bewirkte, dass der Igel sich in seinen Eingeweiden weitete, piekste, schmerzte, ich lege ihn auf eine Granitplatte, haue mit dem Hammer darauf, und die Krankheit ist zermalmt, jemand, den er nicht sehen konnte, schob seine Krankenliege den Korridor entlang, er bemerkte den Regen, Gesichter, Schilder, die Haushälterin des Herrn Vikars unter dem Vordach, während der dachte

– Sie schieben meinen Sarg [...] (Antunes, 2011: 7-8).

Bibliografia

- ANTUNES, António Lobo (2010), *Sôbolos Rios que Vão*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- (2011), *An den Flüssen, die strömen*, Aus dem Portugiesischen von Maralde Meyer-Minnemann, München, Luchterhand Literaturverlag, 2011.
- (1985), *Auto dos Danados*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- (1991), *Reigen der Verdammten*. Aus dem Portugiesischen von Maralde Meyer-Minnemann, München, Carl Hanser Verlag.
- (1992), *A Ordem Natural das Coisas*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- (1996), *Die natürliche Ordnung der Dinge*. Aus dem Portugiesischen von Maralde Meyer-Minnemann, München, Carl Hanser Verlag.
- (1996a), *Manual dos Inquisidores*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- (1997), *Handbuch der Inquisitoren*, Aus dem Portugiesischen von Maralde Meyer-Minnemann, München, Carl Hanser Verlag.
- (1983), *Fado Alexandrino*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- (2002), *Fado Alexandrino* Aus dem Portugiesischen von Maralde Meyer-Minnemann, München, Luchterhand Literaturverlag.
- Houaiss. Dicionário de Língua Portuguesa* [s.d.], URL: www.houaiss.uol.com.br.

RESUMO: No presente artigo, a tradutora da obra de António Lobo Antunes para o Alemão convida o leitor a «visitar» a sua «oficina» de tradução, elencando quinze dos principais problemas com que mais frequentemente se tem vindo a confrontar desde 1990, quando começou a assinar as versões alemãs da obra do escritor português.

ABSTRACT: In this essay, the translator of António Lobo Antunes's work into German invites readers to "visit" her translation "workshop" by way of outlining the fifteen major problems which she has been grappling with since 1990, the year she began to append her name to the German language versions authored by this Portuguese writer.